



CAPRICÓRNIO

POEMAS

POR

VIRIATO DA CRUZ

25



CAPRICÓRNIO

DIREÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

CADERNOS CAPRICÓRNIO

**destinam-se a revelar e a divulgar
temas e autores do mundo tropical
de expressão portuguesa.**

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
- 2 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emilia Rôby — esgotado
- 3 — DESTERRO DE MIM — Lygia Sclama — esgotado
- 4 — O NASCIMENTO DE CEMOS ENTRE OS «AMBOS» — Maria Helena de Figueiredo Lima
- 5 — RECORDO PARA BELOINDA — Alvaro Miranda
- 6 — CRÔNICA DO CHEITO — David Mestre
- 7 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 8 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 9 — TEMPO DE ANGUSTIA — Alberto de Oliveira
- 10 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique da Sousa Fernandes
- 11 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Mota
- 12 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti
- 13 — «MESTRE» TAMODA — Agostinho Mendes de Carvalho
- 14 — RESIGNAÇÃO — Aristides Van-Dunen
- 15 — O CANTO DO MARTINDINDE — Ernesto Lages Filho
- 16 — MEMÓRIAS E EPÍTAFIOS — Mário António
- 17 — DUAS ESTÓRIAS — Lusândio Vieira
- 18 — POEMAS — Vítor de Cruz

CAPRICÓRNIO

Composto e impresso na OPAL — LOBITO — Novembro 1974

LOBITO, 1974

CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

PUBLICADO :

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
— 3.ª edição
- 2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara — esgotado
- 3 — IRMÃ HUMANIDADE — Jorge de Macedo — esgotado
- 4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira — esgotado
- 5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia — esgotado
- 6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
- 7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA
— Aristides Van-Dunen — esgotado
- 8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby — esgotado
- 9 — DESTÊRRO DE MIM — Lygia Salema — esgotado
- 10 — O NASCIMENTO DE GÊMEOS ENTRE OS «AMBÓS»
— Maria Helena de Figueiredo Lima
- 11 — RECADOS PARA DEOLINDA — Afonso Milando
- 12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 15 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Alberto de Oliveira
- 16 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique de Senna Fernandes
- 17 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Matos
- 18 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti
- 19 — «MESTRE» TAMODA — Agostinho Mendes de Carvalho
- 20 — RESIGNAÇÃO — Aristides Van-Dunen
- 21/22 — O CANTO DO MARTRINDINDE — Ernesto Lara Filho
- 23 — MEMÓRIAS E EPITÁFIOS — Mário António
- 24 — DUAS ESTÓRIAS — Luandino Vieira
- 25 — POEMAS — Viriato da Cruz

CAPRICÓRNIO

C. P. 364 **LOBITO**
ANGOLA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

POEMAS

VIRIATO DA CRUZ

— «Kukidi... Makazu,
 «Arião, vá, hoje nada?»
 — «Nada, mano Felaberto...
 Hoje os tempo tá mudado...»
 — «Mas tá patia gente perto...
 Cívica é qui tá fazendo isso?»

LOBITO, 1974

CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

PUBLICADO :

1 — UM GRANDE NEGOCIO — Orlando de Albuquerque
— 3.ª edição

VIRIATO DA CRUZ nasceu em Porto Amboim, Angola, a 25 de Março de 1928. Foi um dos destacados elementos do «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola», surgido em Luanda por volta de 1950 com a revista literária MENSAGEM, órgão da Associação dos Naturais de Angola.

Tendo sido um dos primeiros e mais destacados elementos do Movimento Popular de Libertação de Angola, acabou por ser afastado pelos seus companheiros de luta, vindo a falecer, após uma vida cheia de dificuldades, em 1973 em Pequim, China.

Grande parte da sua obra encontra-se inédita e talvez se tenha perdido com o seu falecimento.

Tem colaboração dispersa por vários jornais de Angola e Moçambique .

16 — OS FORMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Rui Cnatti

17 — O CANTO DO MATRINDINDE — Ernesto Lara Filho

18 — MEMÓRIAS E EPITÁFIOS — Mário António

19 — DUAS ESTÓRIAS — Luandino Vieira

20 — POEMAS — Viriato da Cruz

CAPRICÓRNIO

C. P. 264 LOBITO

LOBITO, 1974

M A K È Z Ú

— «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»

O pregão da avó Ximinha
É mesmo como os seus panos,
Já não tem a cor berrante
Que tinha nos outros anos.

Avó Xina está velhinha
Mas de manhã, manhãzinha,
Pede licença ao reumático
E num passo nada prático
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro
Que se levanta ciltaneiro
No cruzeiro dos caminhos
Das gentes que vão p'ra Baixa.

Nem criados, nem pedreiros
Nem alegres lavadeiras
Dessa nova geração
Das «venidas de alcatrão»
Ouvem o fraco pregão
Da velhinha qu'andeira.

— «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»

— «Antão, véia, hoje nada?»

— «Nada, mano Felisberto...»

Hoje os tempo tá mudado...»

— «Mas tá passá gente perto...
Como é qui tás fazendo isso?!

— «Não sabe?! Todo esse povo
Pegô um costume novo
Qui diz qué civrização:
Come só pão com chouriço
Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima,
(Hum... mbundo kène muxima...)
Qui o nosso bom makèzú
É pra veios como tu».

— «Eles não sabe o que diz...
Pru qué qui vivi filiz
E tem cem ano «eu e tu?»

— «É praquê nossas raiz
Tem força de makèzú!...»

SÔ SANTO

Lá vai o sô Santo...
Bengêla na mão
Grande corrente de ouro, que sai da lapela
Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando o sô Santo passa
Gente e mais gente vem à janela.
— «Bom dia, padrinho...»
— «Olá...»
— «Beçã cumpadre...»
— «Como está?...»
— «Bom-om ãa sô Saaanto!...»
— «Olá, Povo!...»

Mas porque é saúdo em coro?
Porque tem muitos afilhados?
Porque tem corrente de ouro
A enfeitar sua pobreza?...
Não me responde, avó Naxa?

— «Sô Santo teve riqueza...
Dono de musseques e mais musseques...
Padrinho de moleques e mais moleques...
Macho de amantes e mais amantes,
Beça-nganas bonitas
Que cantam pelas rebitas:

«Muari-ngana Santo
dim-dom
ual'ô banda ó caçala
dim-dom
chaluto mu muzumbo
dim-dom...»

Sô Santo...

Banquetes p'ra gentes desconhecidas
Noivado da filha durando semanas
Kitoto e batuque pró povo cá fora
Champanha, 'ngaieta tocando lá dentro.

Garganta cansando:

«Coma e arrebeta
e o que sobrar vai no mar.»

«Hum-hum

Mas deixa...

Quando o sô Santo morrer,
Vamos chamar um kimbanda
Para 'Ngombo nos dizer
Se a sua grande desgraça
Foi desamparo de Sandu
Ou se é já própria da raça...»

Lá vai...

descendo a calçada

A mesma calçada que outrora subia

Cigarro apagado

Bengala na mão...

... Se ele é o símbolo da Raça
ou vingança de Sandu...

NAMORO

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas acácias floridas
espalhando d'xamantes na fimbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas.
Sua pele macia — era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce — como o maboque...
Seus seios, laranjas — laranjas do Loge
seus dentes... — marfim...

Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou:
«Por ti sofre o meu coração»
Num canto — SIM, noutro canto — NÃO.

E ela o canto do NÃO dobrou.

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete,
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...

E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nelá nascesse um amor como o meu...

E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
afoguei-lhe as mãos...
falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço,
como um monangamba.

Procuraram por mim

«— Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?»

E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair

levarcm-me ao baile do sô Januário

mas ela estava num canto a rir

contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário.

Tocaram uma rumba — dancei com ela

e num passo maluco voámos na sala

qual uma estrela riscando o céu!

E a malta gritou: «Aí Benjamim!»

Olhei a nos olhos — sorriu para mim

pedi-lhe um beijo — e ela disse que sim.

SERÃO DE MENINO

Na noite morna, escura de breu,
enquanto na vasta sanzala do céu
de volta de estrelas, quais fogareus,
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu,
ao quente da voz
de suas avós,
meninos se encantam
de contos bantus...

«Era uma vez uma corça
dona de cabré sem macho...

.....
... Matreiro, o cágado lento
tuc... tuc... foi entrando
para o conselho animal...
(«— Tão tarde que ele chegou!»)
Abriu a boca e falou —
deu a sentença final:
«— Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retem
— luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça»

Mas quando lá fona
o vento irado nas frestas chora
e ramos xuaxalha de altas mulambas
e portas bambas batem em massembas
os meninos se apertam de olhos abertos:

— Eué

— É casumbi...

RIMANCE DA MENINA DA ROÇA

A menina da roça
está no terreiro
cosendo a toalhinha
pró seu enxoval...
— «Que céu tão lindo! ,
e o encanto da mata!...
Ai, tanta beleza
no cafezal...»

A menina da roça terá poesia
terá poesia nos olhos de mel?

A menina da roça
chega à janela
e na estrada branca
a vista alonga...
— «É o carro a vir?!»
Não... é o bater compassado
do aço de enxódas
dos negros na tonga...

A menina da roça tem um namoro
tem um namoro com um motorista.

A menina da roça
veio à varanda
e os olhos erra
no verde à toa
— «Está ele a chegar?!»
Ah... são negros pilando
dendém para czeite
na grande canoa.

(Prucutum, lá no telheiro,
vai chamar o meu amor)

A menina da roça
acorda à noite
ouviu um barulho
na escuridão
— «O carro chegou!...»
Oh... é o pulsar
apressado
do seu coração.

(Porque bates tão depressa, coração alucinado?
coração alucinado, espera que o dia amanheça)

— «Já viu a menina!...»
«Hem... tem cor marela
do mburututu...»
— «E não come nem nada...»
— «E os olhos de mel
tão se afundar
num lago azul
que faz sonhar...»
Conversam as negras
à boca apertada.

(Minha dor ninguém a saiba —
não há peito em que ela caiba)

A menina da roça
escutó dorida
a triste canção
que vem do rio.
Que vem do rio? — Que vem do peito:
baixinho, lá dentro,
chora de amor
o coração.

Menina do roça — águas do rio
saudades da fonte... desejos de amar.

MAMÃ NEGRA

(Canto de Esperança)

*Tua presença, minha Mãe — drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a vida escreveu com a pena de séculos.*

Pela tua voz

*Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais dos seringais
[dos algodões...]*

*Vozes das plantações da Virgínia
dos campos das Carolinas*

Alabama

Cuba

Brasil...

*Vozes dos engenhos dos banguês das tongas dos eitos das pampas
[das usinas]*

Vozes do Harlem District South

vazes das sanzalas

Vozes gemendo blues, subindo do Mississipi, ecoando dos vagões.

Vozes chorando na voz de Carrothers:

Lord God, what will have we done

Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.

Voz de todas as vozes, na voz ativa de Langston

na bela voz de Guillén...

Pelo teu dorso

Rebrilhantes dorsos aos sois mais fortes do mundo

*Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor amaciando
[as mais ricas terras do mundo]*

Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos...)

*Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, penderies da força caídos
[por Lynch.]*

Rebrilhantes dorsos (ah, como brilham esses dorsos),
ressuscitados com Zumbi, em Toussaint levantados.
Rebrilhantes dorsos...

brilhem, brilhem, batedores de jazz
rebentem, rebentem, grilhetas da Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da Música!
...do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo...

Pelo teu regaço, minha Mãe

Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música, ritmo e graça...
santos poetas e sábios...
Outras gentes... não teus filhos,
que estes nascendo cívicas
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo — folguedo...

Pelos teus olhos, minha Mãe

Vejo oceanos de dor
clarezas de sol posto, paisagens
roxas paisagens
dramas de Cam e Jafé...
mas vejo também (oh, se vejo...)
mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos, ora esplende
demoniacamente tentadora — com a Certeza...
cintilantemente firme — como a Esperança...
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
— o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE...

ARQUIVO L. LARA

~~XXXX~~
3528R